

PENSANDO A EDUCAÇÃO: KANT, NIETZSCHE E DEWEY

**RAFAEL DOS SANTOS RAMOS¹; JANAINA PAIVA ZANETTI; MAURÍCIO
ROSSALES AIRES²; KELIN VALEIRÃO³**

¹UFPEl – rafaelramos.eu@hotmail.com

²UFPEl – janainazanetti@hotmail.com; UFPEl – mauricio.sud6@hotmail.com

³UFPEl – kpaliosa@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho traz o tema sobre a Filosofia da Educação, serão tratadas aqui questões práticas do âmbito educacional à luz de bases teóricas oferecidas pela Filosofia. Ao problematizarmos: Qual o papel da educação? Como podemos propor uma nova concepção de educação? Sobre estas e outras questões de nosso cotidiano, recorreremos aos aportes teóricos de Immanuel Kant em sua obra educacional *Sobre a Pedagogia*; de Friedrich Nietzsche na obra intitulada *Escritos sobre a Educação* e, por fim, nos argumentos do filósofo estadunidense, John Dewey, presentes na obra *Experiência e Educação*. Os objetivos aqui são de expor, respectivamente, o papel da educação em Kant; a crítica à educação proposta por Nietzsche e observar alguns aspectos da teoria da experiência de Dewey, para então refletirmos acerca de questões cotidianas que permeiam a educação na contemporaneidade.

2. METODOLOGIA

A proposta metodológica que nos servimos aqui é de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, que visa oferecer algumas bases teóricas sobre a Filosofia da Educação para, posteriormente, refletir sobre os problemas em questão. Para tal, escolhemos o pensamento dos três filósofos, a saber: Kant; Nietzsche e Dewey. Entendendo Kant e Nietzsche como teóricos que se contrapõem (este último visa uma “autodeterminação” e o primeiro uma

“autonomia”), recorreremos a uma terceira perspectiva que é a teoria da experiência de Dewey.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Podemos notar que o papel fundamental da educação no pensamento de Kant é de tornar o homem **livre/autônomo**, para transcender (enquanto sujeito) ao certo, à verdade, ao dever (as escolhas de ações por dever). Isso deve ocorrer por um procedimento educacional que abarca quatro estágios, a saber, (1) da **disciplina**: é necessário para tirar do homem aspectos de sua animalidade (período de Heteronímia); (2) tornar-se **culto**: efetivar saberes da cultura-histórica (política, música, literatura, entre outros.) para entender sua própria importância enquanto sujeito; (3) torna-se **civilizado**: para interagir com a sociedade de modo certo, ou seja, gentil, amável, saber seus limites enquanto cidadão e, por fim; (4) **moralizar-se**: tornar-se autônomo, escolher, deliberar por si mesmo.

Em outro viés de análise, temos o pensamento de Nietzsche que remete aos gregos antigos para problematizar, criticar e buscar a “verdade” sobre o que acontece na educação em seu tempo e seu país. Na Tragédia Grega ele encontra as raízes de tal “verdade” e o que aconteceu com a educação ocidental ao centrar-se somente no Deus Apolo. Para Nietzsche a educação é lugar fecundo à vida, onde aluno e professor desenvolvem suas capacidades artísticas. É o espaço que proporciona a transvaloração dos valores que proporciona a “autodeterminação” dos indivíduos.

Um terceiro viés para pensar a nossa problematização é a teoria da experiência de Dewey que é empirista, no entanto é fundada na razão, ou seja, sua teoria não é apenas empírica, ou apenas racional, mas um terceiro viés, que de certa forma mescla os outros dois. Tal teoria faz com que aluno e professor sejam pesquisadores, as aulas tornam-se laboratórios donde nem aluno, nem professor são cobaias. O professor não trazer uma certeza ou verdade pronta, pois é na experiência que se chegará, se possível, a tal verdade ou “certeza”. É um método científico cujo erro é lógico e é um método democrático porque é coletivo.

O principal objetivo da educação experiencial é preparar para o presente. Para Dewey, todos os movimentos sociais envolvem conflitos. O caso da Filosofia da educação não é diferente. Notemos que em Dewey, mais importante do que aproximar concepções é criar uma nova concepção de educação. Isso significa uma nova ordem de conceitos. Porém, é difícil abandonar a tradição e o costume.

Dewey destaca alguns aspectos que devem embasar a educação enquanto educação ativa; educação significativa; educação pensante. Disso segue-se a Educação experiencial. Mas para tais experiências, faz-se necessário definir os critérios, para enfim sua execução. Para isso, Dewey propõe dois princípios: 1) princípio de continuidade (não apenas o hábito, mas levando em conta as emoções também); 2) princípio de interação. Este último ramifica-se em: a) questões objetivas das quais o professor dá conta (material didático), e; b) questões subjetivas das quais o professor não dá conta (aluno com fome).

4. CONCLUSÃO

Kant pensa o homem como um fim em si mesmo. No entanto, este tem necessidade de cuidados porque “possui certa limitação”, pois, no reino animal é o mais sensível neste sentido, ou seja, desde seu nascimento depende dos cuidados específicos (paternos, maternos, entre outros.), pois sem tais cuidados o homem morreria. Segundo Kant, isso nos distingue de certa forma em relação aos demais animais. A educação deve ser de modo lento e só pode ser transmitida por outro homem, na prática ela deve atravessar as gerações.

Nietzsche faz o diagnóstico de que a educação tem duas tendências nefastas, de um lado, uma quer expandir a cultura e, do outro, a tendência de reduzir a cultura. Disso se segue o problema do professor especialista, que Nietzsche vai criticar e dizer que o “jornalismo” (responsável por “manter” as duas tendências citadas) implica em certa superficialidade que se espalha para a educação.

A teoria da experiência, proposta por Dewey, defende que a educação tradicional possui sérios problemas, a escola tradicional, leva em consideração o conhecimento do adulto, que visa preparar para o futuro, mas temos,

segundo Dewey, que preparar as crianças para o presente. Quando Dewey nega o dualismo platônico argumenta que nós somos responsáveis pela experiência, não precisamos separar a razão da experiência.

Entendemos as três perspectivas apresentadas como sendo de muita importância para nossa reflexão a cerca dos problemas no âmbito educacional, pois quando pensamos, qual papel da educação e/ou como propor uma nova concepção de educação, percebemos que não estamos desconexos dos pensamentos destes autores e notamos que pouco de “novo” podemos construir em termos de teorias, pois as bases destas já parecem bem consolidadas. Quer-se dizer com isso que ao respondermos as questões levantadas aqui, inevitavelmente nos reportamos a estas teorias que constituem a base da Filosofia da Educação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. Terceira edição. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2002.
- NIETZSCHE, F. **Escritos sobre educação**. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. 5. Ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2011.
- DEWEY, J. **Experiência e Educação**. Tradução de Anísio Teixeira, Ed. São Paulo, SP. Editora Nacional, 1952.
- BRESOLIN, K. **Esclarecimento e Estado: o Aufgeklärter Kritiker como condição de possibilidade da reforma e evolução do Estado na filosofia de Immanuel Kant**. 2012. Tese (Doutorado em Filosofia) – Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- ARALDI, C. L. **Sociedades dos poetas mortos: uma perspectiva nietzschiana**. Biblioteca do professor – nº 2 – Nietzsche. São Paulo: Editora Segmento, 2006, p. 58–67.
- VALEIRÃO, K. **Fundamentos da Educação**. Pelotas: NEPFIL, 2014.